

mostrar o repúdio ao massacre, porque o massacre já existia através das empreiteiras. A assembléia foi realizada durante o dia e à noite aqueles operários que estiveram na assembléia foram para a Usina e na saída foram massacrados pela vigilância, que era truculenta e já cometia violências há muito tempo, mas naquela noite a repressão foi muito maior. Os operários que perderam a condução, que eram caminhões basculantes, forçaram a saída pelo portão e tiveram que arrebentar o portão para sair porque tinham que pegar a condução. Caso contrário, ficariam a pé. Aí, a vigilância da Usina chamou a Polícia Militar. A PM parece que já estava de sobreaviso e veio batendo, batendo, porque aquela polícia era a cavalaria e como todos conhecem, a cavalaria sempre foi violenta. A cavalaria chegou espancando, os operários correram e foram embora”.

Conforme Ribeiro, no dia seguinte (dia 7) por volta das 6:00h ele foi chamado em sua residência e veio de Timóteo para Ipatinga. O relato dos momentos que antecederam ao massacre é o seguinte:

“A polícia militar estava perto do portão e mais de 7 mil operários da Usiminas e empreiteiras estavam naquele momento de tensão, os rapazes machucados, sujos enlameados. Ali, eles estavam a ponto de enfrentar a polícia. Eu cheguei e pedi calma a todos e, graças a Deus, consegui, naquele momento, manter a calma. Depois tentei conversar com o tenente. Pedi ao tenente Jurandir que se retirasse, porque o ambiente estava carregado e haveria um problema sério se a polícia permanecesse ali. Ele falou:

- Eu não posso sair porque estou cumprindo ordens

Eu perguntei:

- Ordens de quem o senhor está cumprindo?

Ele falou:

- Do capitão.

- E onde está o capitão?



Após o tiroteio, revoltado, um operário destrói veículo a golpes de picareta

- Está no escritório da Usiminas.

Eu me dirigi para o escritório da Usiminas. Eu, o padre e mais seis operários, numa comissão para tentar demover o capitão a tirar a polícia do local. Mas, infelizmente ele era um homem truculento, um homem violento, um homem que não gostava de paz, ele só queria guerra. E aí nós tentamos de todas as formas, ficamos quase duas horas em reunião”.

Depois dos esforços de negociação, Ribeiro conta que foi dada uma ordem, possivelmente de retirada, mas aí, aconteceu o imponderável: “Por infelicidade, o caminhão não pegou. Os soldados tiveram que descer para empurrá-lo. E com aquele movimento todo, o pessoal revoltado com o que tinha acontecido naquela madrugada, começaram a atirar pedras e ali eles começaram a disparar a metralhadora. Um pouco antes disso, quando subi na cancela para falar com os operários, o soldado que estava em cima do caminhão com a metralhadora, girou-a para o meu lado. Este mesmo soldado, logo depois metralhou nossos companheiros sem dó nem piedade. As pessoas correram, muitas foram feridas na perna, em tiros rasan-

tes. Mas quem mais matou foi um cabo que atirava na cabeça com um revólver 38, ele atirava na cabeça. Várias pessoas foram mortas com um tiro de 38.

Depois do escritório da Usiminas tinha um ponto de ônibus, onde estava uma senhora. Quando ela viu o caminhão vindo atirando ela saiu correndo e estava com uma criança nos braços. Eles atiraram nas costas da mulher, a bala atravessou o corpo da mulher se cravou na coxa da criança. Esta criança morreu no hospital”.

MENTIRAS

O ex-sindicalista também contesta a versão oficial sobre o número de mortos, que considera a maior mentira que já ouviu em sua vida: “A mentira do dia 7 sobre os 7 mortos é a maior que já ouvi. Não é à toa que dizem que 7 é número de mentiroso. Inclusive duas pessoas que morreram no hospital depois, o fotógrafo (José Isabel do Nascimento) e a menina não constam da lista oficial de mortos, em nenhum relatório. Mas eu presenciei, eu peguei em cada corpo que estava lá naquele dia. Foram 30 pessoas que tombaram naquele local”, afirma.